

TAVIRA FENÍCIA

O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C.

Maria Garcia Pereira MAIA



Fenícios y Territorio

Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios

Alicante, 2000

pp. 121-150

Campo Arqueológico de Tavira
Tavira, Portugal
www.arqueotavira.com
mail@arqueotavira.com

TAVIRA FENÍCIA

O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C.

Maria Garcia Pereira MAIA

I- O sítio arqueológico

1- Caracterização física.

Na campanha de escavações realizada em 1997, na colina genética de Tavira, o Alto de Santa Maria (1), pusemos a descoberto um troço de larga muralha de alvenaria de pedra calcária aglutinada com barro, que classificamos como fazendo parte de um conjunto defensivo fenício, não só pelas suas dimensões, como ainda pelo espólio que lhe estava associado.(Fig. 1)

Tavira, situada na margem direita do rio Gilão, tem uma localização ideal, no que respeita ao domínio da foz deste rio que, não formando um delta, desagua numa zona de sapais que comunicam com a Ria Formosa.(Fig. 2)

A colina de Santa Maria tem a sua cota mais elevada cerca de 20 m. acima do nível do mar, formando uma possível paleopenínsula, num ponto em que a água do mar invade o leito do rio, tornando-o perfeitamente navegável, na maré cheia. No seu sopé, os navios podiam *fazer aguada*, abastecendo-se de água doce e potável, num ponto onde hoje ainda existe uma fonte, alimentada por uma nascente que mana do topo e onde os *olhos de água* brotam no leito.

O estuário do Gilão, que faz uma grande curva neste ponto, estava defendido de ventos e tempestades e ainda inimigos que se aproximassem por via marítima. No lado ocidental, a colina de Santa Maria, amuralhada, protegia-o, e do lado Oriental, o Alto de S. Brás quebrava o efeito do vento levante.(Fig. 3)

Na direcção do mar, formavam-se marismas e zonas pantanosas, seguidas de ilhotas arenosas que constituíam uma barreira perigosa para a navegação, ao mesmo tempo que definiam um canal, a actual Ria Formosa que, para Oriente, se prolonga até à barra de Cacela e para Ocidente, até Faro.

Tavira fica sobranceira à entrada desta Ria e podia organizar-se, em termos de implantação fenícia, de forma clássica, dispondo de um porto exterior, para navios comerciais e um interior, para embarcações de tráfego local e navios de guerra.

A zona de Tavira enquadra-se, de facto, muito bem na muito decantada passagem estraboniana (III, 2, 4) que descreve o litoral da Turdetânia e do qual nos interessa agora atentar no grande número dos navios mercantes e na presença de rias e estuários navegáveis como rios.

O Algarve apresenta três zonas geográficas naturais. A Norte, a Serra, depois o Barrocal e a Sul, o Litoral. Na zona de Tavira, regista-se uma estreita faixa litoral, um Barrocal igualmente breve e a Serra marca presença a escassos 5 Km.(Fig. 4)

2- Estruturas. Estratigrafia. Cronologia.

A meia encosta do Alto de Santa Maria e à cota de 8 m., acompanhando o lado *grosso modo* Sul, exumámos uma estrutura complexa que classificamos como parte da muralha fenícia. Atinge uma espessura máxima de 9,5 m., numa extensão escavada de 13 m. de comprimento.(Fig.1)

Detectámos duas fases neste espesso tramo defensivo, que designámos por *Muralha Fenícia 1 (M.F.1)* e *Muralha Fenícia 2 (M.F.2)* que se justapõem, sendo ambas datadas da segunda metade do séc.VIII a.C.

Num primeiro momento construtivo, este pano de muralha (**M.F.1**), tinha cerca de 4 m. de espessura, tendo perdido as suas funções antes do séc. VII, quando se construiu sobre ela, vindo estruturas industriais e em parte domésticas sobrepor-se à sua face interna, seguindo um modelo de plataformas ou socalcos.

Identificamos aqui dois compartimentos rectangulares, estreitos e compridos (5 por 1,5m), cujos solos, de argila batida, por vezes avermelhada e outras amarelada, tinham sido frequentemente refeitos e apresentavam manchas de carvão, cinza e terra enegrecida pela acção de fogueiras que, nalguns casos, eram lareiras estruturadas, de planta quase quadrada e constituída por uma só fieira de pedras irregulares.

Destes pavimentos destacamos três que, pela sua constituição e situação estratigráfica, reputamos de especialmente importantes:

- Pavimento de barro amarelo claro. Sobre ele encontramos materiais do séc. VII, nomeadamente pratos de aba e *lucernas* de **engobe vermelho**.
- Pavimento de seixos rolados. Situados 25cm. acima do anterior, forma um mosaico de seixos claros que desenham um padrão de círculos irregulares, rodeando um outro escuro de secção para-esférica. Um fragmento de prato de engobe vermelho data-o também do séc.VII a.C.(Fig. 5)
- Pavimento irregular de pequenas pedras, situado quase 2m. abaixo do topo preservado da **M.F.1**. Apresenta uma lareira estruturada, junto da qual recolhemos uma *ampola* de lábio espesso e base plana, datável da segunda metade do séc.VIII a.C. Abaixo deste pavimento e juntamente com muito material tipologicamente “*fenício*”, (2ª metade do séc.VIII) (Fig.6) começamos a colher fragmentos de taças carenadas, ditas do Bronze Final, algumas apresentando decoração brunida, na face interna.

Apenas atingimos o *bed-rock*, uma greda acizentada, numa área muito diminuta, onde era antecedida pela 13ª camada, que revelou parte de uma lareira fracamente estruturada, à qual estavam associados fragmentos de taças carenadas de tradição do Bronze Final.(Fig. 7)

A segunda fase construtiva da muralha **M.F. 2**,(Fig. 1) tem uma espessura que varia entre 3,5m e 5,5m e é constituída por duas faces não paralelas, construídas com alvenaria de pedra calcária nativa, chamada localmente *pedra caliça*, (de dimensões médias 30/40 cm. por 15/20cm.), e apenas sumariamente desbastadas. São aglutinadas com barro vermelho.

As duas faces eram travadas por paredes perpendiculares, **passadiços**, que definiam compartimentos tendencialmente rectangulares, **casamatas**, com blocos de *pedra caliça*, por vezes de grandes dimensões e lançados de forma aleatória para o seu interior. Entre estas grandes pedras registamos vazios ou terra solta, castanho-escura.

Procedemos à escavação de duas destas **casamatas** e verificamos a total ausência de espólio mobiliário manufacturado o que, associado ao facto dos **passadiços** apresentarem as faces internas mal definidas e muito irregulares, aponta para a conclusão de que se não destinavam, desde o início, a um aproveitamento funcional.

A face exterior, virada a Sul, recebeu um revestimento de pedra, formando **Talude**, ou seja, organizando-se numa linha inclinada, segundo um ângulo de 70°-80°, sendo revestida, desde o solo virgem, até à altura de 1,10-1,20m., por uma

camada de barro amarelo-esverdeado que desempenhava o papel de reboco e alisamento externo.(Fig. 8)

O facto de a campanha de 1997 ter sido uma intervenção de emergência, em que os trabalhos arqueológicos coexistiram com a acção de uma máquina escavadora que calcava fortemente o terreno, a cada passagem, dificultou muito a identificação da face posterior desta muralha **M.F. 2**.

Este pano defensivo não seguia a mesma orientação do seu antecessor **M.F. 1**, antes formando com ela um ângulo de cerca de 30°, chegando a existir entre os dois uma divergência máxima de 1,50m. Este espaço entre os paramentos foi também colmatado com grandes pedras soltas, passando a face “Sul” da mole defensiva a ser constituída pelo somatório das **M.F. 1** e **M.F. 2** e atingindo, no seu ponto de maior espessura, os 9,50m.

A ampliação da **M.F. 1** a que nos temos vindo a referir relaciona-se, a nosso ver, com a orientação da falésia natural que formava um dos lados (“Sul”) do esporão que veio a ser amuralhado, na segunda metade do séc.VIII a.C..

Trabalhos anteriores, realizados no mesmo lado, mas mais abaixo, no que respeita à actual superfície da Colina de Santa Maria, apenas puderam oferecer uma reduzida área, situada próximo do nível do mar, que foi ocupada no período Turdetano, mas não fenício, o que nos induz a pensar que, quer a ocupação quer a muralha deste período se restringiram ao espaço situado mais acima e delimitado, deste lado, por uma falésia, ainda hoje detectável na urbanística contemporânea.

No ângulo “Sudeste” do terreno intervencionado em 1997 localizámos um bastião maciço, cuja planta não pudémos apurar com exactidão se era quadrangular ou circular, porque as condições internas da escavação apenas nos permitiram acompanhar uma das suas faces, a virada a “Sul”, até ao nível das fundações, onde constatamos que esta face obedecia à mesma técnica construtiva do paramento exterior da **M.F. 2**, com pedras organizadas em *Talude*, e era revestida com o mesmo *reboco* de barro amarelo-esverdeado, que era aqui mais estreito (20cm. Fig. 9 ,12ª camada).

Nas faces “Oeste” e “Norte” deliberámos não desmontar a **M.F. 1**, embora tenhamos podido identificar o mesmo padrão construtivo, e que o aglomerado maciço do baluarte era delimitado por paredes transversais que o travavam.

Como as **M.F. 1** e **M.F. 2** convergem neste ponto, julgamos verosímil que o seu núcleo central seja contemporâneo da primeira fase **M.F. 1**, em relação à qual ficaria em posição saliente, e que aquando da deslocação da linha exterior do paramento defensivo **M.F. 2**, terá sofrido idêntica ampliação, obedecendo à mesma técnica construtiva e de revestimento, a fim de alinhar –se e quase se integrar na nova muralha **M.F. 2**.

Não atingimos o terreno firme na face “Leste”, embora tenhamos baixado até uma cota próxima dos 4m. abaixo da superfície. O perfil do bastião, em *Talude*, desce muito e mergulha por debaixo da muralha medieval portuguesa e da parede da construção moderna que delimitam a área intervencionada, por “Sul” e “Leste”, respectivamente.

Não lográmos também definir com precisão um ângulo entre as faces viradas nestas direcções, mas o facto de o terreno firme se encontrar aqui a um nível muito inferior permite-nos concluir que o **bastião** a que nos vimos referindo terá ocupado a ponta de um *esporão* estreito e pontiagudo, rematando uma falésia abrupta, como já referimos.

Outra estrutura construtiva , **M.F. 3**, partia deste **bastião**, dirigindo-se para “Norte”. Identificámos a sua face interna (“Oeste”) que se articula bem com **M.F. 1**,

compartilhando com ela, não só a sua aparente menor espessura mas, e mais significativo, uma **casamata**, cujo enchimento retirámos.

3- Fundamentos económicos da implantação proto-histórica de Tavira

- **Metalurgia**

Quase adossada à face interna de **M.F. 1**, identificámos um forno de cal.(fig. 8) Trata-se de uma construção semi-circular, parcialmente edificada em pedra e situada a cota inferior à de algumas estruturas habitacionais (ou industriais?) que lhe estão vizinhas. Junto desta estrutura registámos uma grande mancha de cal que, como demonstrou Fernandez Jurado, era utilizada na copelação da prata (2) e, não longe, recolhemos fragmentos de dois pequenos vasos perfurados (algumas perfurações não ultrapassam totalmente a parede), de pasta grosseira, corpo um pouco ovalado e base plana, um dos quais com decoração incisa junto ao bordo e o outro com impressões digitadas, perto da base.(Fig.10)

Estas peças encontram claros paralelos, por exemplo, na Fase II de Almonte, correspondente ao séc.VII.

As escavações de 1999 (**C.R.99**) confirmaram que a metalurgia da prata foi uma das bases económicas da implantação proto-histórica de Tavira. Escavações ainda em curso revelaram um vasto conjunto de estruturas de combustão que aproveitam paredes pré-existentes e utilizam fragmentos de ânforas, *pithoi* e outros fragmentos cerâmicos, todos datados do séc.VII, para a construção da sua efêmera cúpula.(fig.11)

Juntamente com muitos vestígios de carvão e cinzas recolhemos um fragmento de tubo de barro, *algaraviz*, de perfil paracilíndrico, destinado ao arejamento forçado da câmara de copelação e cuja tipologia está sempre ligada à metalurgia da prata (Fig.12) . Diversos pingos e núcleos informes de cobre faziam parte deste espólio, juntamente com uma pequena barra muito dúctil, de prata

Estácio da Veiga detectou, em finais do séc.XIX, na Serra do Algarve, algumas minas antigas e nós próprios conhecemos vestígios de muitas outras no confinante Baixo Alentejo (3).

- **Domínio de uma via de comunicação com o interior.(Mapa 1)**

Atrai-nos a hipótese de que algum minério extraído no Baixo Alentejo interior e na Serra Algarvia, nas zonas mais afastadas do Guadiana e da Costa Ocidental, encontrasse uma via interior e terrestre de escoamento até junto do mar onde era, evidentemente, valorizado e objecto de comércio.

Uma estrada para o Norte, hoje alcatroada, terá estabelecido, no período Proto-histórico, a ligação com a região que é hoje o Baixo Alentejo. Partindo de Tavira, acompanha, no seu início, o curso do rio, atravessando depois, de forma tão rectilínea quanto possível, os cumes serranos.

A actual estrada que liga Tavira a Cachopo, uma povoação estrategicamente situada sobre a passagem montanhosa entre o Algarve e o Alentejo, em plena faixa piritosa ibérica, corresponde, em larga medida, à tradicional via de acesso a Tavira, pelas populações do interior.

Outra tradicional estrada de penetração para o interior partia de Tavira, na direcção de Santa Catarina da Fonte do Bispo (em Bengada está documentado um troço de via romana), seguia por **Porto** Carvalhoso e entroncava no já mencionado

caminho de Cachopo. Este ramal é designado por “**Estrada de Portugal**”, o que é muito significativo, quanto à sua função de acesso ao Alentejo (4).

No concelho de Mértola, na zona de S. Pedro de Sólis, está documentado um microtopónimo, ***Estradinha da Corcha***, designando um caminho que passa, em seguida, pelas minas do Barrigão (vestígios de actividade mineira romana) e por Espanca, onde, há anos, identificámos o bem conhecido signário da **Escrita do Sudoeste** (ou Tartéssica).

Uma teoria que temos vindo sustentando conduz esta via até Santa Bárbara de Padrões, que identificamos com uma estação mencionada no *Itinerário de Antonino* e situada entre *Ossonoba* e *Salácia*, no estuário do Sado.

A muito citada via que, segundo a *Ora Marítima* (vv. 178-180), ligava a foz do Tejo ao litoral dos Tartéssios pode incluir alguns dos troços que referimos. Não esqueçamos que este seria um caminho alternativo de condução do minério, quer beirão, quer proveniente das legendárias cassitérides atlânticas, até ao litoral sudoeste da Península Ibérica.

Segundo a nossa hipótese, Tavira proto-histórica teria desempenhado um papel de porto de escoamento e anterior processamento de minérios (sobretudo prata) serranos e alentejanos, introduzindo, a *título de retorno*, pelos mesmos caminhos, não só materiais de prestígio exógenos, juntamente com produtos alimentares transportados em ânforas, como – é muito mais importante – uma forte influência ao nível das superestruturas que fez chegar, até regiões muito interiores, influxos claramente orientalizantes e que dificilmente são explicáveis de outra forma.

4- Exemplos de influências orientalizantes, no Baixo Alentejo Interior (Mapa 2)

- **O *Thymiaterion* de Montel (Castro Verde)**

Os *Thymiateria* muito publicados de Safara e Mourão provêm da bacia hidrográfica do Guadiana. Provavelmente são produtos de importação e seguem modelos fenício-cipriotas. (5)

Um elemento de *Thymiaterion* de bronze, representando um caprídeo, foi recolhido num povoado fortificado, com origem pelo menos na Idade do Bronze e que perdurou até à chamada II Idade do Ferro e inícios da romanização, Montel. (Fig.13)

Esta pequena figura de bronze encontra paralelo próximo em Cástulo e inclinamo-nos a classificá-lo como uma importação oriental que poderá ter dependido das rotas que ligavam Tavira ao *retroterra*.

- **A *Larnax* de Castro Verde**

No Sul do Alentejo, escavámos uma *larnax* funerária, datada dos secs.V-IV a.C. e feita de argila cozida, claramente de origem local, que apresenta uma tampa que reproduz quase fielmente uma versão evoluída de lingotes de cobre, os *Talanthoi* característicos do comércio oriental pré-monetário. (6)

Esta tampa parece-nos constituir um éco destes lingotes, (Bucholz tipo III), numa fase evoluída, em que os ângulos são muito desenvolvidos e prolongados, com o recorte sublinhado por um rolo em relevo.(Fig.14)

O contexto arqueológico desta *larnax*, em que avultam, como elementos datáveis, cerca de 10 fragmentos de *Copas Cástulo* (*inset lip*- Sparkes e Talcott, 1970), que se situam entre 420 e o primeiro quartel do séc.IV a.C..

A forma de pele de boi esticada que encontra paralelos cada vez mais numerosos, quer na Andaluzia, quer na Extremadura espanhola e que tende a ser interpretada como uma alusão à prática da ganadaria e a cultos com ela relacionados evoca, no entanto, irresistivelmente o mito da fundação de Cartago. Não queremos deixar de referir que existiu, na Sardenha, uma produção local de lingotes de cobre, de tipologia cipriota.

- **Os *Obeloi* do Sudoeste**

Outro testemunho indirecto das muito antigas relações entre a Sardenha (e também Chipre) com o extremo Sudoeste peninsular, é constituída por um tipo de *obelos* dito *português*, recolhido na Sardenha e datado de entre os secs. XI e VIII a.C. (Fig.15)

Em território hoje português, os espetos de bronze em questão têm sido recolhidos maioritariamente em necrópoles que ofereceram um número restrito, mas variável de estelas epigrafadas com **Escrita do Sudoeste**, mas também nalguns *habitats*, como Monte Beirão, Fernão Vaz e Castro Marim.

A carta de distribuição destes espetos desenha um triângulo, cujo vértice se localiza na zona de Faro e que, alargando para Norte, tem a sua base no Baixo Alentejo. O triângulo assim definido coincide com a área central da escrita do Sudoeste. (7)

- **A distribuição da escrita do Sudoeste. (Mapa 3)**

Ainda que a relação entre a presença fenícia no Sudoeste e a escrita que aqui se desenvolveu deva ser, por enquanto, colocada de forma hipotética e muito cautelosa, é certo que esta hipótese é muito aliciante.

J. A. Correa propõe, para a escrita que denomina de Tartéssica, uma área central que se inscreve no triângulo acima referido, bem como J. de Hoz, para quem não é de excluir uma origem fenícia para as escritas hispânicas, na zona da cultura tartéssica, que não terá desempenhado um papel meramente passivo, neste processo. (8)

A escrita do Sudoeste provem maioritariamente de necrópoles, que apresentam uma evolução arquitectónica interessante e com expressão cronológica.

- **O fenómeno do *proto-urbanismo* precoce e a adopção de paredes e ângulos rectos.**

As necrópoles do Baixo Alentejo e do Algarve apresentam, na sua fase inicial (sécs. VIII – VII), tumulações de planta circular, rodeando fossas ou cistas que conservam características da Idade do Bronze local.

Numa segunda fase, ainda durante o séc. VII, a periferia de algumas destas necrópoles é ocupada por sepulturas de planta rectangular que contêm, desde então espólio orientalizante, como é o caso de Neves IV, em Castro Verde. (9)

Também um *habitat* aberto, na mesma área, (Neves II) testemunha uma transição entre a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro, sem descontinuidade ocupacional.

Presumida, mas não demonstrada uma correlação entre as necrópoles alentejanas que ofereceram estelas epigrafadas com a escrita do Sudoeste e pequenos núcleos habitacionais abertos, fica ainda por esclarecer a articulação destes pontos com povoados fortificados, de maiores dimensões e situados em pontos altos.

Questão muito aliciante é também a do período em que se registou uma *proto-urbanização* nestes povoados que **já existiam no Bronze Final**.

Se admitirmos que o impulso conducente a este urbanismo incipiente não resulta de uma evolução natural interna, como resposta a uma maior concentração populacional e complexidade social, mas que interveio neste processo uma certa influência exógena, somos tentados a pôr em paralelo este fenómeno com o da introdução de paredes rectilíneas e ângulos rectos, logo no início da Idade do Ferro, no séc.VII a.C..

5- Vias marítimas e aquáticas de influência fenícia. (Mapa 2)

• Os rios

Assentamentos com influência exógena em geral e nomeadamente fenícia, na costa Atlântica hoje portuguesa atestam uma via marítima para estes contactos, situando-se quase todos na desembocadura de rios, que serviam de via aquática de acesso até sítios interiores, mas próximos das suas margens.

Em Odemira, sobre o rio **Mira**, foram localizadas necrópoles com cerâmica de **engobe vermelho** como a do **Galeado**, (11) e outra com **escrita do Sudoeste**, e, situada muito próximo do extremo do seu curso navegável, a do **Pardieiro**. (12)

O mesmo se passa em relação ao estuário do **Sado**, onde avulta o estabelecimento fenício de **Abul** e muito material exógeno em Setúbal e Alcácer do Sal (13)

Também o rio **Tejo** serviu de via de penetração destes influxos, com todo um conjunto de estações arqueológicas com raízes na Idade do Bronze, mas fortemente influenciadas por contactos orientais. (14)

Dominando a foz do **Mondego**, **Santa Olaia** foi o primeiro sítio orientalizante identificado em Portugal e revelou um impressionante conjunto de estruturas que incluem um molhe, uma muralha e um conjunto de compartimentos rectangulares organizados em socalcos, talvez relacionados com a metalurgia do ferro.(15)

Conimbriga, na bacia hidrográfica do mesmo rio, também sofreu influências orientalizantes. (16)

No Algarve apenas se conhece um grande rio, o **Guadiana**.

Em Castro Marim, uma paleo-península sobre a sua margem direita, estabeleceu-se alegadamente um povoado do Bronze Final seguido, não sabemos se com descontinuidade espacial, pela suposta implantação de uma muralha de “5 metros de espessura”, (não documentada, nem registada arqueologicamente), e pela construção de compartimentos de planta rectangular, atribuídos, sem fundamentos claros, à segunda metade do séc.VIII a.C. . (17)

Contudo, as peças publicadas como “fenícias” não são anteriores aos finais do séc.V ou inícios do IV e concordam plenamente com materiais áticos recolhidos nesta mesma estação. (18)

Temos portanto, atestado para Castro Marim um nível Turdetano coerente e que é confirmado por outro importante assentamento fortificado e também localizado sobre o curso a montante do mesmo rio, **Mértola**. (19)

Miguel Rego, Olga Guerrero e Gomez Toscano produziram a única publicação que conhecemos sobre a Proto-História de Mértola, e que não faz recuar as influências exógenas além dos sécs.V-IV a.C.. (20)

Os dois povoados fortificados com origem na Idade do Bronze Final e localizados na margem direita do Guadiana demonstram uma significativa

penetração de cerâmicas, *Copas Cástulo* que, de tão frequentes em toda a área mediterrânea e atlântica da Península, dificilmente podem ser considerados “*fósseis directores*” e a coincidência de terem sido também recolhidos em quantidades significativas, nos pequenos *habitats* abertos e necrópoles que escavámos na área central do Baixo Alentejo (Castro Verde) não pode sustentar a hipótese de o **Guadiana** ter constituído a rota responsável pela sua penetração no interior do Baixo Alentejo.

Em nossa opinião, Castro Marim não foi uma implantação fenícia porque, estando geograficamente demasiado próximo, se situava na esfera de influência directa de Tartessos, sendo não só desnecessária, como económico- culturalmente inútil.

Na costa algarvia, a bibliografia portuguesa refere reiteradamente o **Cerro da Rocha Branca**, situado a cerca de 1km para Ocidente de Silves. Localiza-se sobre o rio **Arade** que, não sendo um grande rio, foi navegável até Silves, pelo menos até à Idade Média.(21)

É descrito como um pequeno centro fenício, cuja fase inicial remontaria aos sécs.VIII-VII e que seria dotado de uma muralha, rodeando um conjunto de edifícios rectangulares.

Esta muralha apresenta características verdadeiramente orientalizantes, uma vez que nela reconhecemos a típica técnica de *casamatas* e *passadiços* e que sofreu, também, um reforço e alargamento, descrito como anterior ao séc.V a.C..

II- Tavira, centro urbano ou grande agregado populacional ?

1- Vestígios da transição do Bronze Final - Idade do Ferro.

Os trabalhos arqueológicos realizados em 1998 e 1999 confirmam que a **Colina Genética** de Tavira conheceu uma ocupação extensa, durante os últimos momentos do Bronze Final (taças carenadas, com decoração geométrica brunida, na face interna, na externa, ou em ambas), ou nos inícios da Idade do Ferro.(Fig.17)

Só foi possível levantar plantas muito parciais de estruturas atribuíveis a este horizonte (não esqueçamos que os trabalhos decorrem em ambiente urbano), mas identificámos sectores de fundos de cabana, com lareiras estruturadas, em cuja base de fogo estão incluídos robustos fragmentos de olaria brunida, juntamente com pedras, algumas de origem eruptiva, fragmentos de ânfora e de pratos de *engobe vermelho* e, pelo menos em três casos, de **ampolas** de base plana, que datamos da segunda metade do séc.VIII a.C..

Estes vestígios distribuem-se, tanto quanto o carácter sectorial dos trabalhos até agora realizados permite depreender, por uma faixa de largura variável e com extensão de cerca de 100m., ocupando o pendor Sudeste do Alto de Santa Maria, até à já referida falésia que veio a ser fortificada, segundo um plano e uma técnica construtiva de origem oriental.

2- A Muralha *Salomónica*.

Apenas pudémos seguir esta estrutura numa extensão de cerca de 13m. e embora tenhamos presumido que ela seguiria em linha recta ou quase, no sentido SE-NE, não lográmos ainda encontrá-la, nesta direcção.

Contudo, a própria presença desta forte muralha, sendo uma das características de urbanismo citadas com maior unanimidade, aponta no sentido de Tavira ter sido, desde os finais do séc.VIII, um centro urbano. (22)

3- Domínio da *retroterra*, do território ou da *chora*.

De acordo com o que temos vindo a sustentar, Tavira exerceu a sua influência, nos finais do séc.VIII, não propriamente sobre uma *chora*, (23) tendo ocupado um local particularmente apto a dominar a foz do aparentemente pequeno **Séqua-Gilão**, navegável até à base da Serra do Algarve.

Também em posição geográfica especialmente apta para o controlo da passagem entre o Baixo Alentejo/Serra Algarvia e a curta faixa Barrocal/Litoral, situa-se um povoado calcolítico conhecido pelo significativo topónimo de **Cerro do Castelo**. Parece apontar para a existência de uma rota terrestre muito antiga, cujo *terminus* seria a foz do **Gilão**.

Um achado datando do séc.XIX e casual, de um bracelete de ouro maciço, no sítio de Arrancada, na freguesia da Conceição e distando em linha recta cerca de 3Km. para Oriente de Tavira e do seu rio, perto da margem esquerda de outro curso de água (**Almargem**) parece denunciar a existência de uma necrópole do período do Bronze Final, em que objectos de prestígio como este mostram a existência de uma elite local gozando de certa prosperidade. (24)

III- Feitoria, Porto de Comércio, Colónia, Apoikia?

A historiografia portuguesa referiu, desde muito cedo, qualquer assentamento revelando forte presença oriental, como **Feitoria** (*comptoir*).

Sabemos que não foram **Portos de Comércio** (*ports of trade*), de acordo com a consabida teorização de Polanyi, porque não encontramos neles vestígios de frequência internacional e também não podemos falar- pelo menos no caso de Tavira- de **Apoikia**, porque não podemos demonstrar que eram dotados de uma verdadeira *chora*.

Tradicionalmente, postulava-se que os assentamentos fenícios mais antigos se instalaram em lugares anteriormente desabitados, ou com uma população indígena muito reduzida.

Aparentemente, criou-se uma terminologia específica- quase um código lexical- para os assentamentos fenícios, segundo a qual a palavra **Colónia**, independentemente da sua extensão territorial e da sua morfologia interna, ou ainda das suas características próprias, estava reservada para sítios com marcados traços fenícios, e **que não apresentassem vestígios de ocupação “indígena”**.

Tavira foi, na sua origem, um povoado pertencendo à cultura do Bronze Final. Numa fase imediatamente subsequente, adoptou paredes rectilíneas constituídas por blocos de *pedra caliça* e a cerâmica do mundo fenício tornou-se maioritária, contando exemplares descritos como propriamente fenícios, tais como vasos de **boca de cogumelo** revestidos de **engobe vermelho**, **ampolas** e **queimadores de perfume** também revestidos a **engobe vermelho**, na face externa.

Se Tavira não foi uma **Apoikia** (= fundação fenícia *ex-nihilo*) sofreu, desde os finais do séc.VIII, uma forte influência, provavelmente *via* Cádiz.



ALMAGRO GORBEA, M. (1979)

“Las Orígenes de la Toréutica Ibérica”, *Trabajos de Prehistoria*, 36, Madrid.

CORREIA, V.H. (1986)

“Um bronze Tartéssico inédito: o Touro de Mourão”, *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, pp. 33-48.

GOMES, M.V. (1997)

“O Touro de Mourão: Um Bronze Urartu”, in *Estudos Orientais*, VI, pp. 67-88.

6- MAIA, M. GARCIA PEREIRA (1987)

“Dois Larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal”, in Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, *Veleia* 2-3, Vitória, pp. 223-242.

7- JÚDICE GAMITO, T. (1987)

“Social and Economic Complexity in SW Iberia (800-500 b.C.)”, in Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, *Veleia* 2-3, Vitória, pp. 449-467.

JÚDICE GAMITO, T. (1988)

Social Complexity in Southwest Iberia 800-300 b.C. The Case of Tartessos. BAR International Series, 439, pp.41 ss.

8- CORREIA, J.A. (1987)

“ El Signário Tartésio”, in Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, *Veleia* 2-3, Vitória, pp. 275-284 e fig.2.

HOZ, J. (1990)

“ El origen Oriental de las Antiguas Escrituras Hispanas y el desarrollo de la Escritura del Algarve” in *Estudos Orientais*, I, Lisboa, pp.219-246, e fig.1.

9- BEIRÃO, C.M. (1980)

Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal, Paris.

BEIRÃO, C.M. E GOMES, M.V. (1980)

A Idade do Ferro no Sul de Portugal – Epigrafia e Cultura, Lisboa.

CORREIA, V.H. (1995)

“ The Iron Age in Portugal” in *Proceedings of the British Academy*, 86, Oxford, pp. 237-262.

MAIA, M.GARCIA PEREIRA E MAIA, M. (1996)

“Arqueologia do Couto Mineiro de Neves-Corvo”, in *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, pp.83-93, p.85.

10- MAIA, M. GARCIA PEREIRA e CORREA, J.A. (1985)

“Inscripcion en Escritura Tartésia (o del S.O.) Hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo)” in *Habis* 16, Sevilla, pp. 243-274.

MAIA, M. GARCIA PEREIRA e MAIA, M. (1986).

Arqueologia da Área Mineira de Neves- Corvo, Lisboa.

CORREIA, V.H. (1996)

“Os Povoados de 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal”, in *De Ulisses a Viriato – Primeiro Milénio a.C.*, Lisboa, pp.82-84.

11- BEIRÃO, C.M. e GOMES, M.V., (1983)

“A Necrópole da Idade do Ferro do Galeado”, in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, I, pp.207-299.

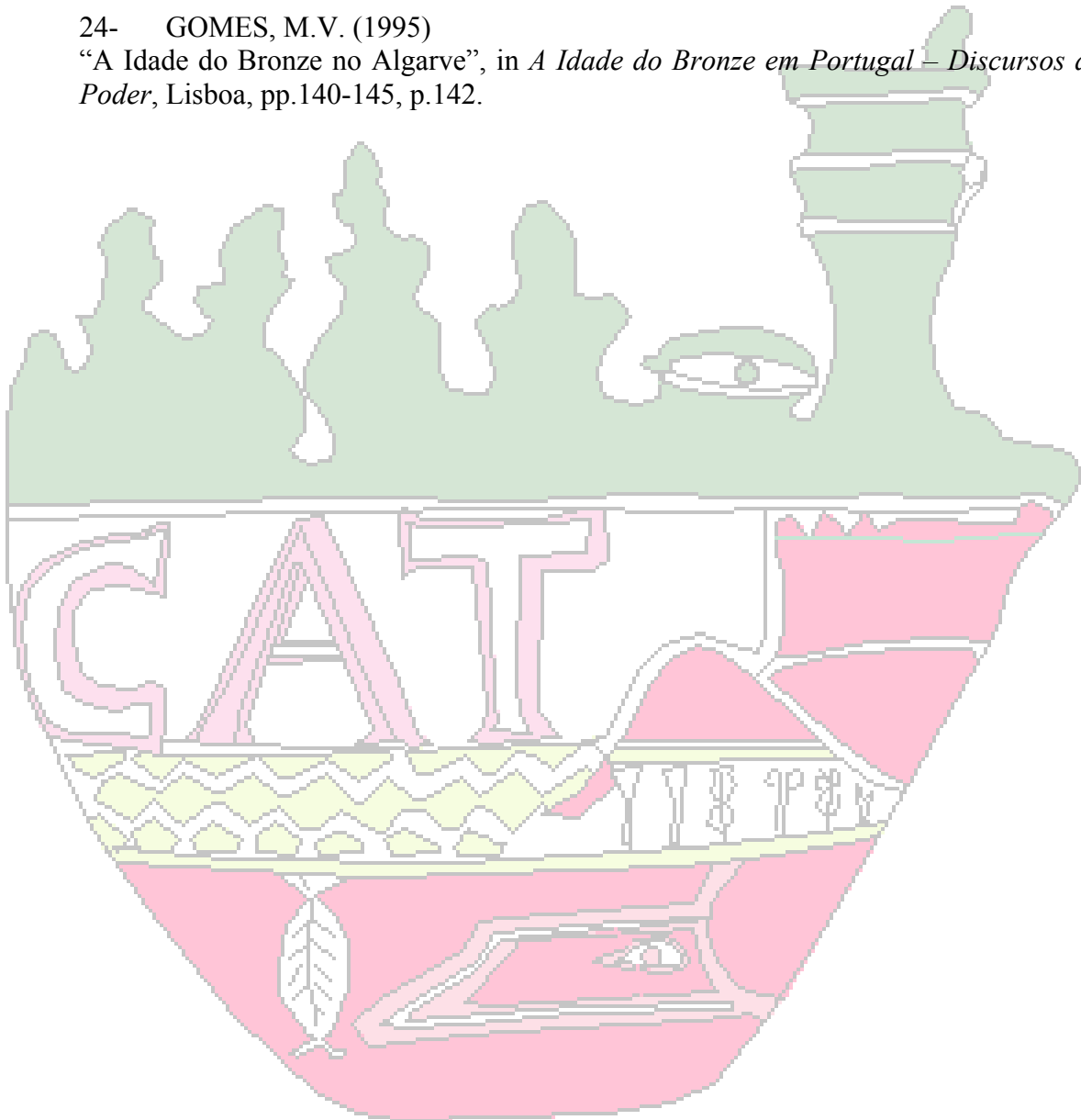
- 12- BEIRÃO, C.M. (1990)
“Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos vestígios Arqueológicos”, *Estudos Orientais*, Lisboa, pp. 107-118.
- 13- MAYET, F. e TAVARES DA SILVA, C.(1997)
“L' Établissement Phénicién d' Abul”, in *Itinéraires Lusitaniens*, Paris, pp. 255-274.
TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; BEIRÃO C.M.; DIAS, L.F. e COELHO-SOARES, R. (1980-81)
“Escavações Arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica*, 6-7.
SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1985)
“Ocupação Pré-romana de Setúbal : Escavações Arqueológicas na Travessa dos Apóstolos” in *Trabalhos de Arqueologia* nº3.
- 14- BARROS, L.; CARDOSO, J.L.; SABROSA, A. (1993)
“ Fenícios na Margem Sul do Tejo: Economia e Integração Cultural do Povoado de Almaraz-Almada”, in *Estudos Orientais*, IV, pp. 143-173.
CARDOSO, J.L. (1996)
“ O Povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na Região de Lisboa”, in *De Ulisses a Viriato*, Lisboa, pp. 73-81.
ARRUDA, A.M. (1993)
“ A Ocupação da Idade do Ferro da Alcaçova de Samtarém no contexto da Expansão Fenícia para a Fachada Atlântica Peninsular”, in *Estudos Orientais*, IV, Lisboa, pp. 199-214.
- 15- PEREIRA, I. (1996)
“ Santa Olaia”, in *De Ulisses a Viriato*, pp. 60-65.
- 16- CORREIA, V.H.
“ Os Materiais Pré-Romanos de Conímbriga e a Presença Fenícia no Baixo-Vale do Mondego”, in *Estudos Orientais*, IV, Lisboa, pp.229-84.
- 17- ARRUDA, A.M. (1997)
“Núcleos Urbanos Litorais de Idade do Ferro no Algarve” in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa, pp.243-255.
- 18- ARRUDA, A.M. (1997)
A Cerâmica Ática do Castelo de Castro Marim, Lisboa
- 19- ARRUDA, A.M.; BARROS, P.; LOPES, V. (1998)
“Cerâmicas Áticas de Mértola”, *Conimbriga*, 37, pp.121-149.
- 20- REGO, M. ; GUERRERO, O. ; GOMEZ, F. (1996)
“Una Ciudad Mediterránea en el Contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana”, in *Actas de las Jornadas Transfronterizas sobre la Contienda Hispano-Portuguesa*, I, Aroche, 199-132.
- 21- GOMES, M.V. (1993)

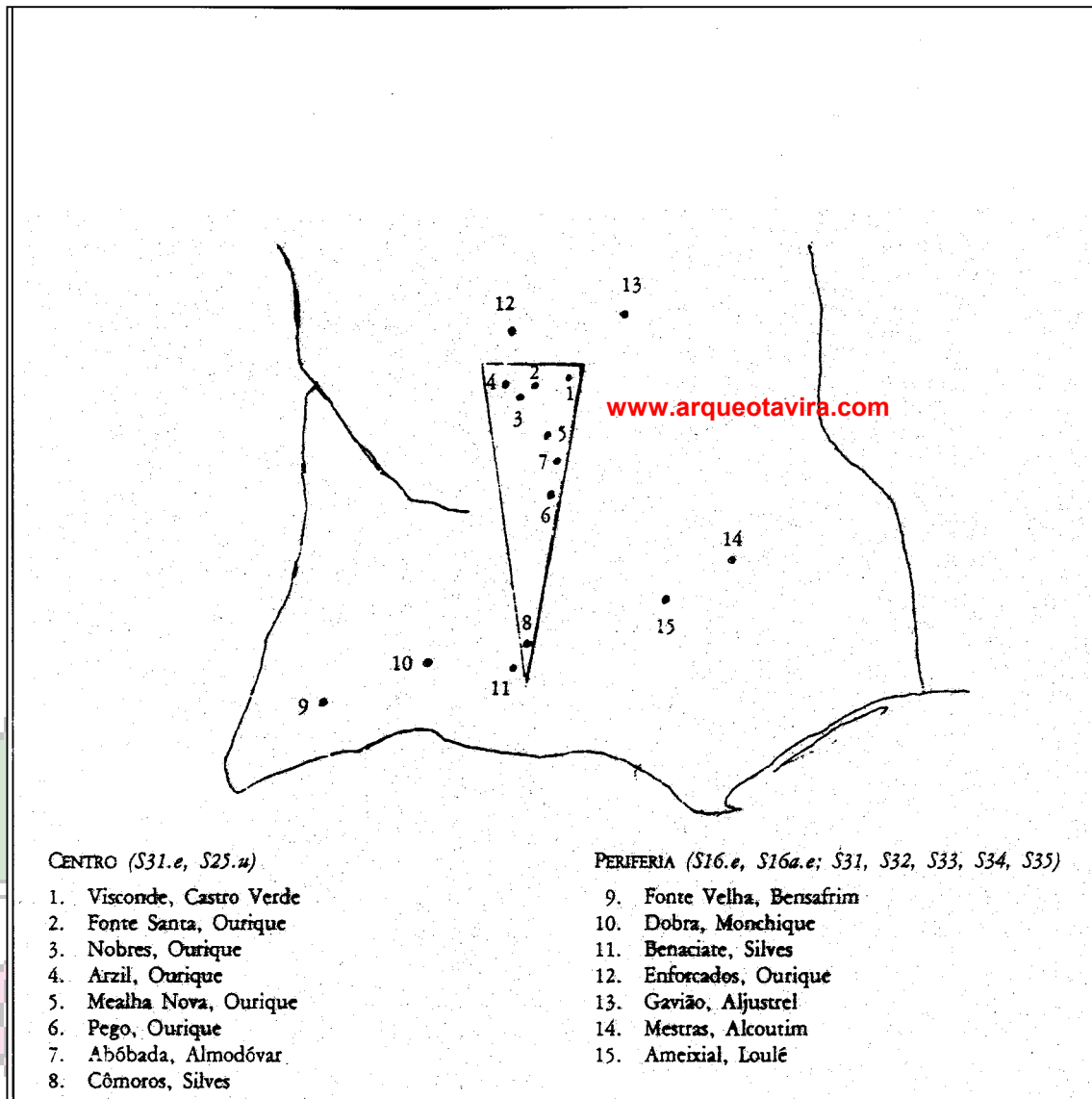
“O Estabelecimento Fenício-Púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)”, *Estudos Orientais*, Lisboa, IV, pp.73-107.

22- BLÁZQUEZ, J.M.; ALVAR, J.; WAGNER, C.G. (1999)
Fenícios y Cartagineses en el Mediterráneo, Madrid, p.323.

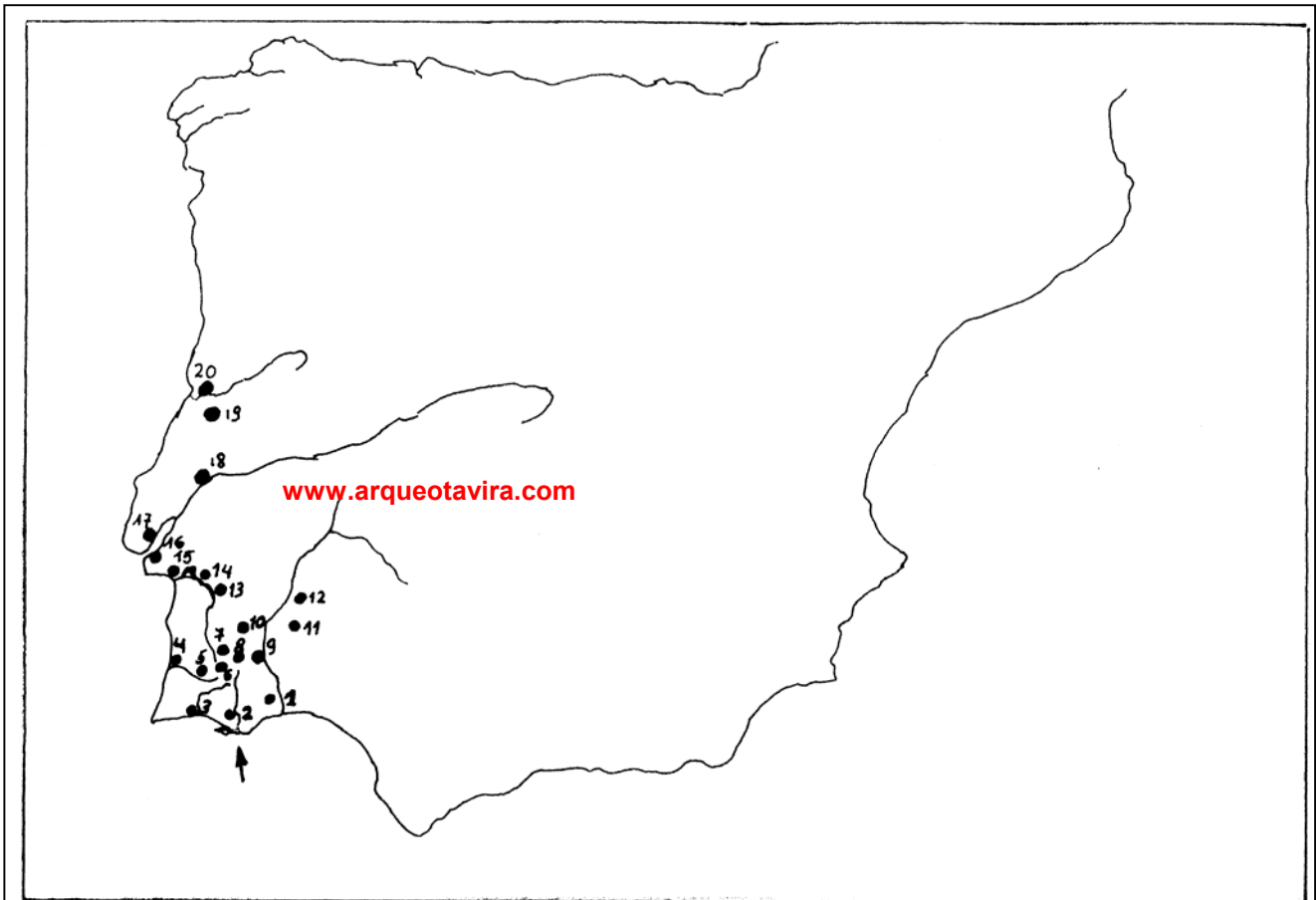
23- AUBET, M.E. (1995)
“ From Trading Post to Town in Phoenician-Punic World”, in *Social Complexity and Development of Towns in Iberia*, Oxford, p51.

24- GOMES, M.V. (1995)
“A Idade do Bronze no Algarve”, in *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*, Lisboa, pp.140-145, p.142.



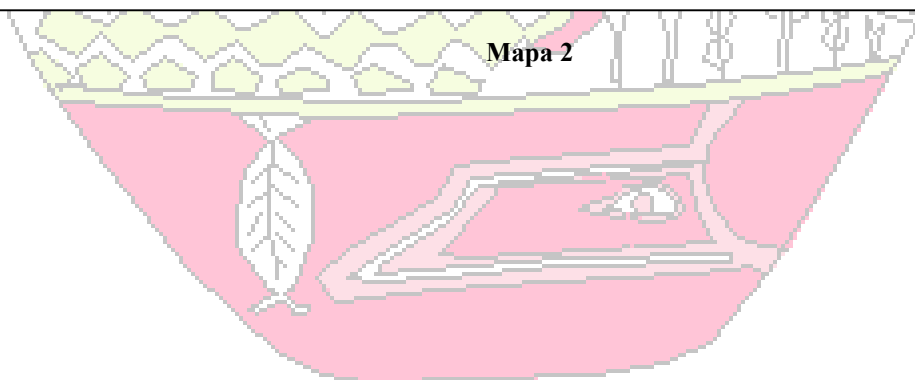


Mapa 1

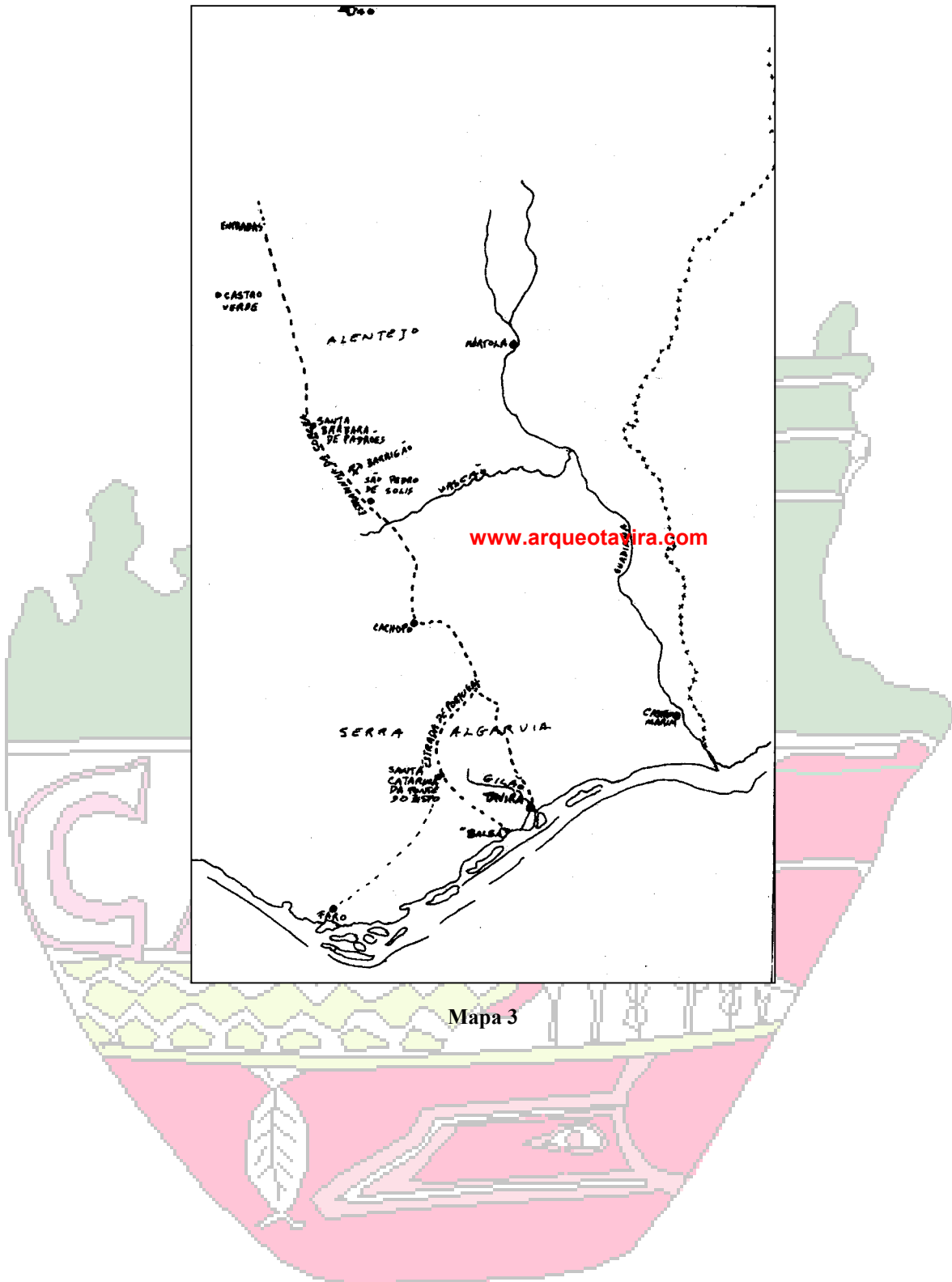


Mapa 2 – Localização na Península Ibérica de Tavira e de estabelecimentos com influência orientalizante mencionados no texto

- | | | | |
|-----------------|------------------------|-------------------|----------------|
| 1- Castro Marim | 6-Monte Beirão | 11-Safara | 16-Almaraz |
| 2- Tavira | 7- Fernão Vaz | 12-Mourão | 17-Lisboa |
| 3-Rocha Branca | 8-Neves (Castro Verde) | 13-Alcácer do Sal | 18-Santarém |
| 4-Galcado | 9-Mértola | 14-Abul | 19-Conimbriga |
| 5-Pardieiro | 10-Montel | 15-Setúbal | 20-Santa Oiaia |



Mapa 2



Mapa 3

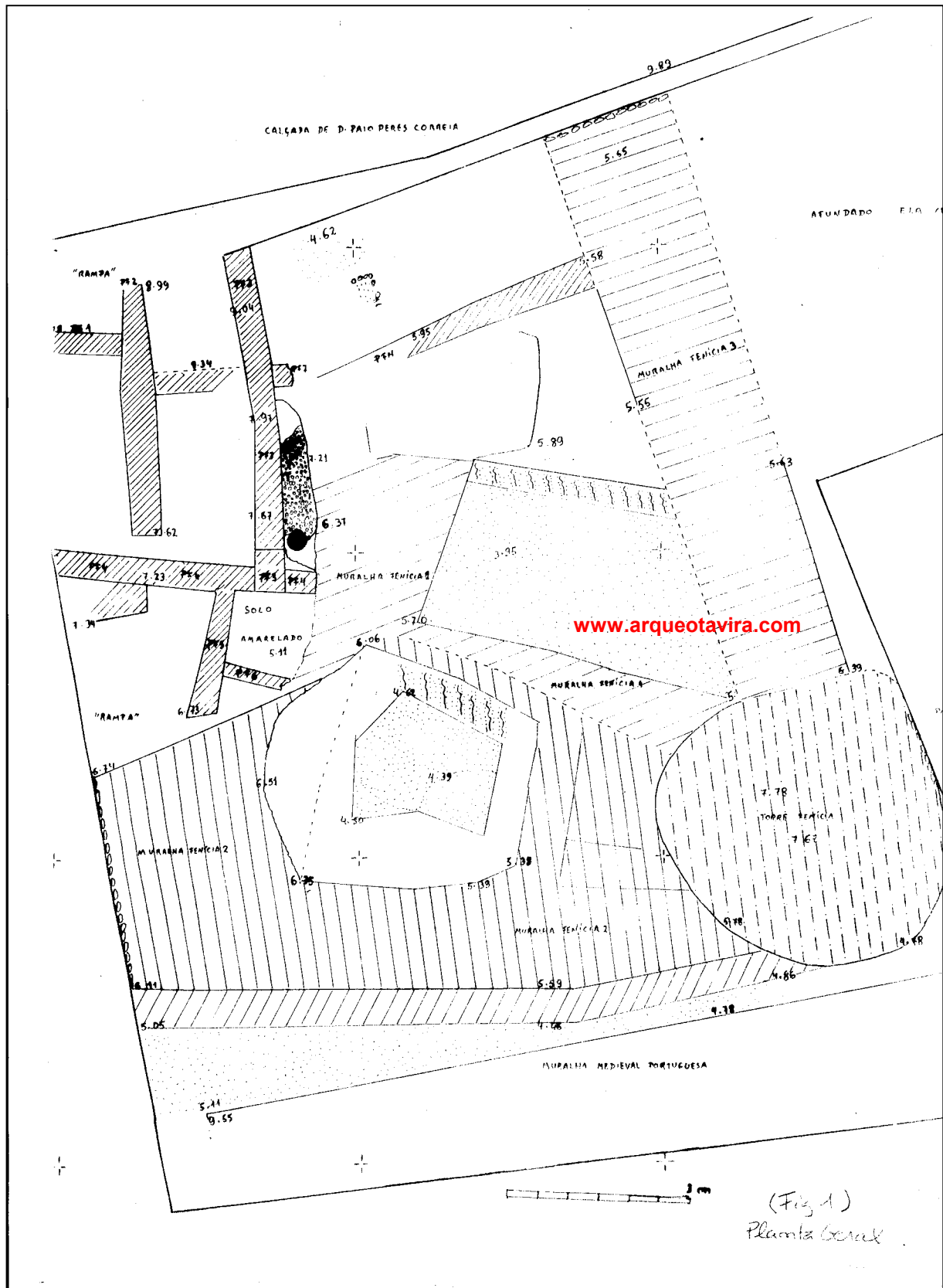


Figura 1



Figura 2

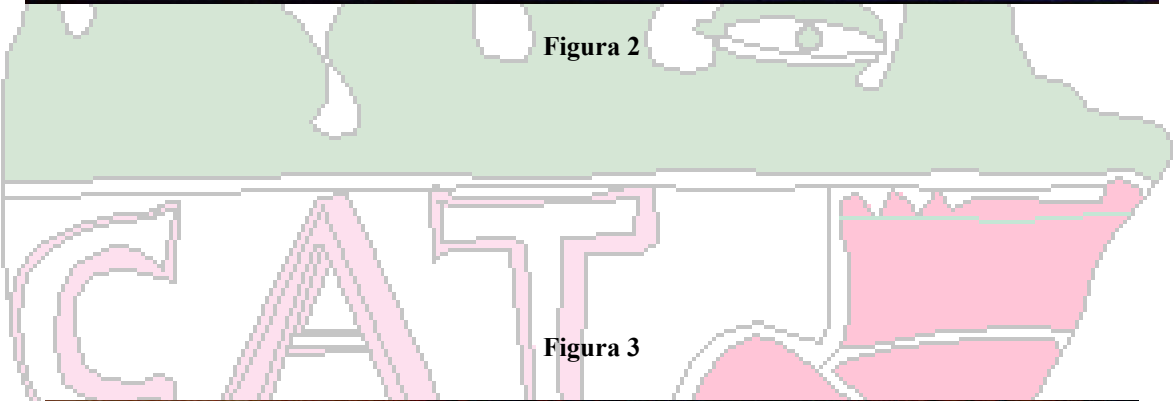


Figura 3





Figura 4

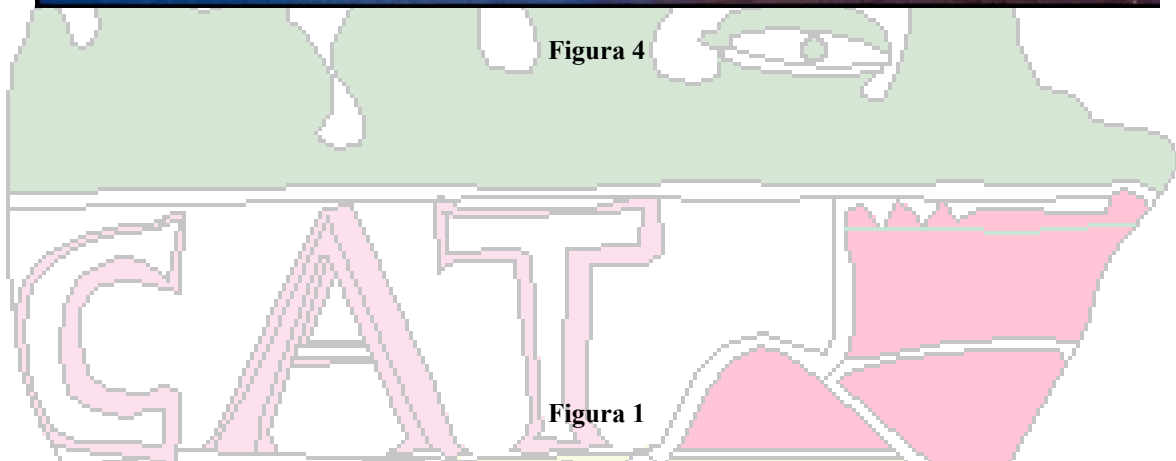


Figura 1



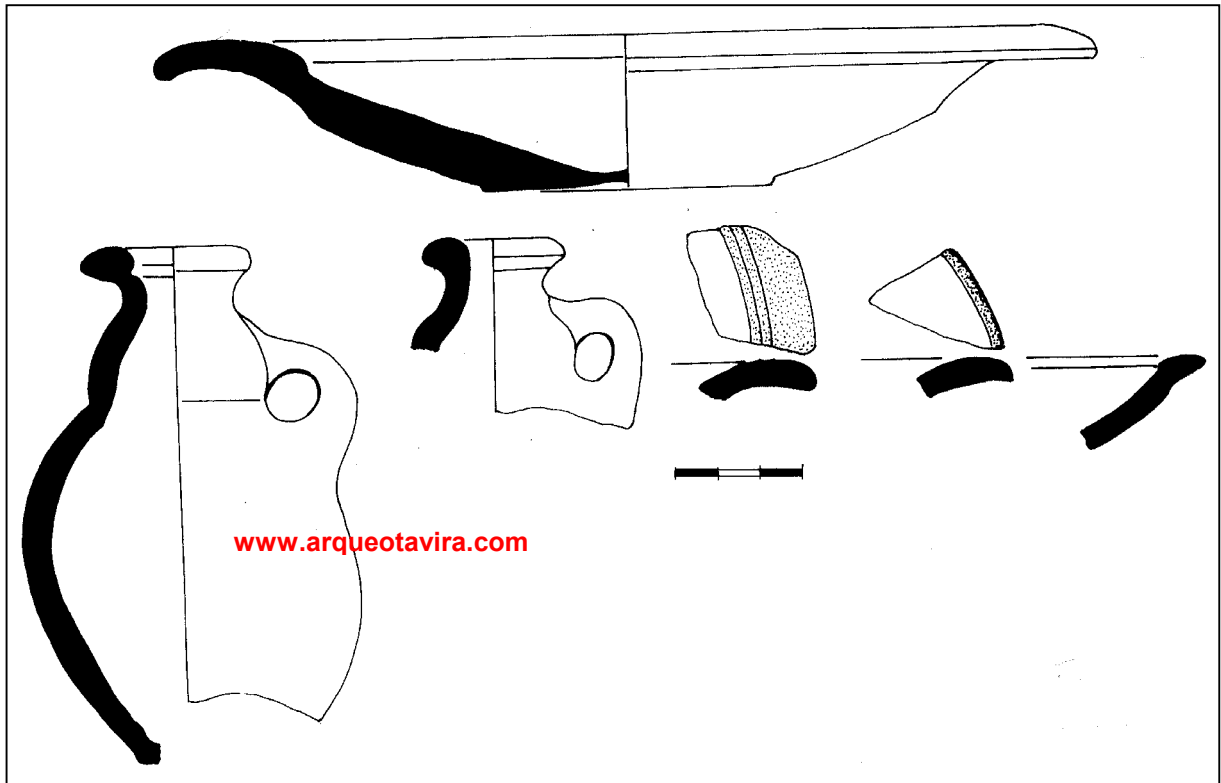
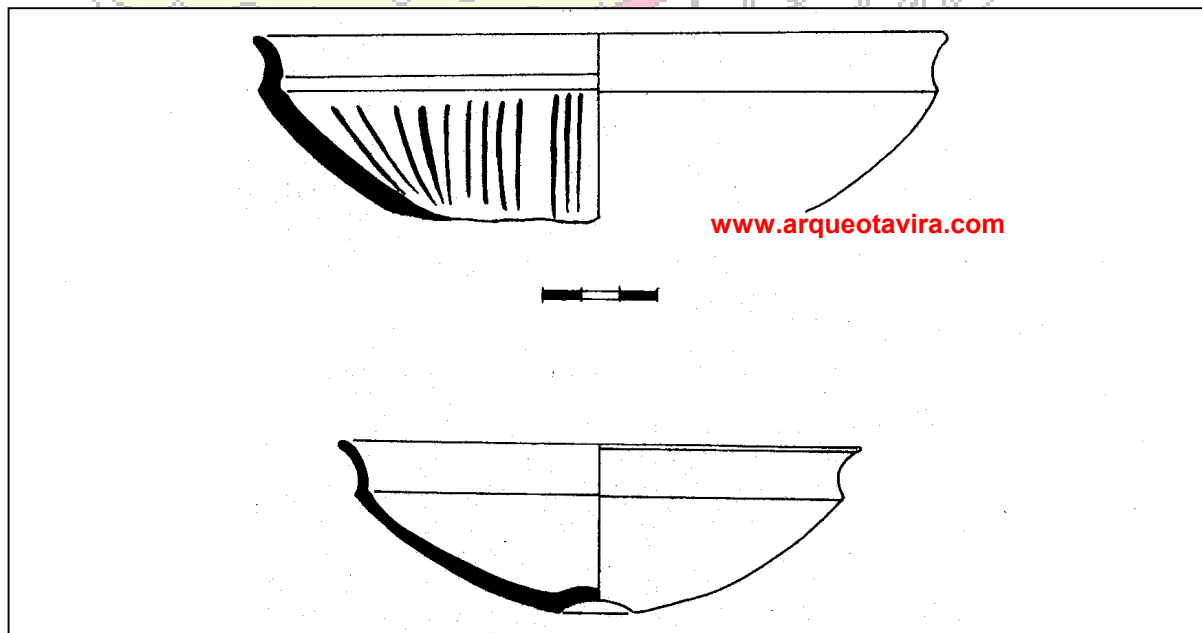
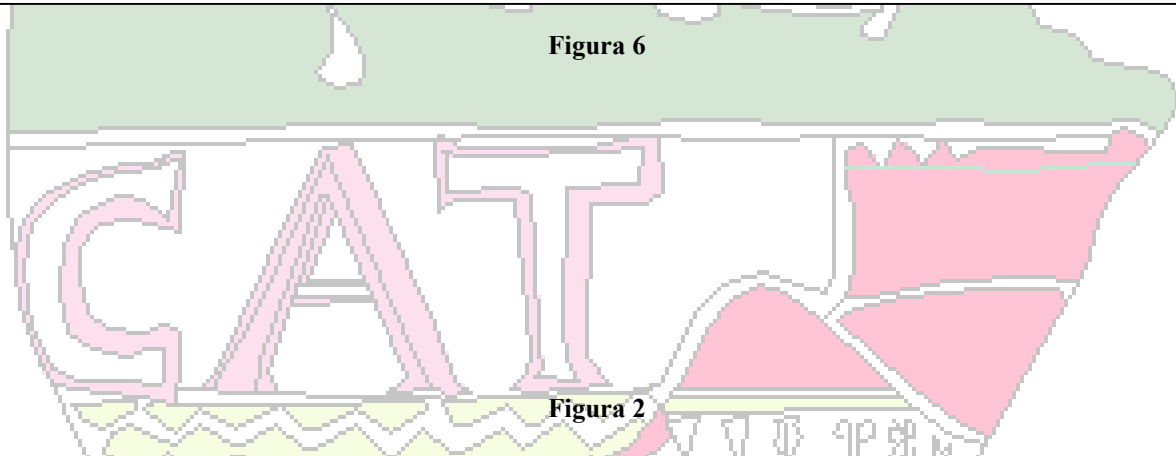


Figura 6



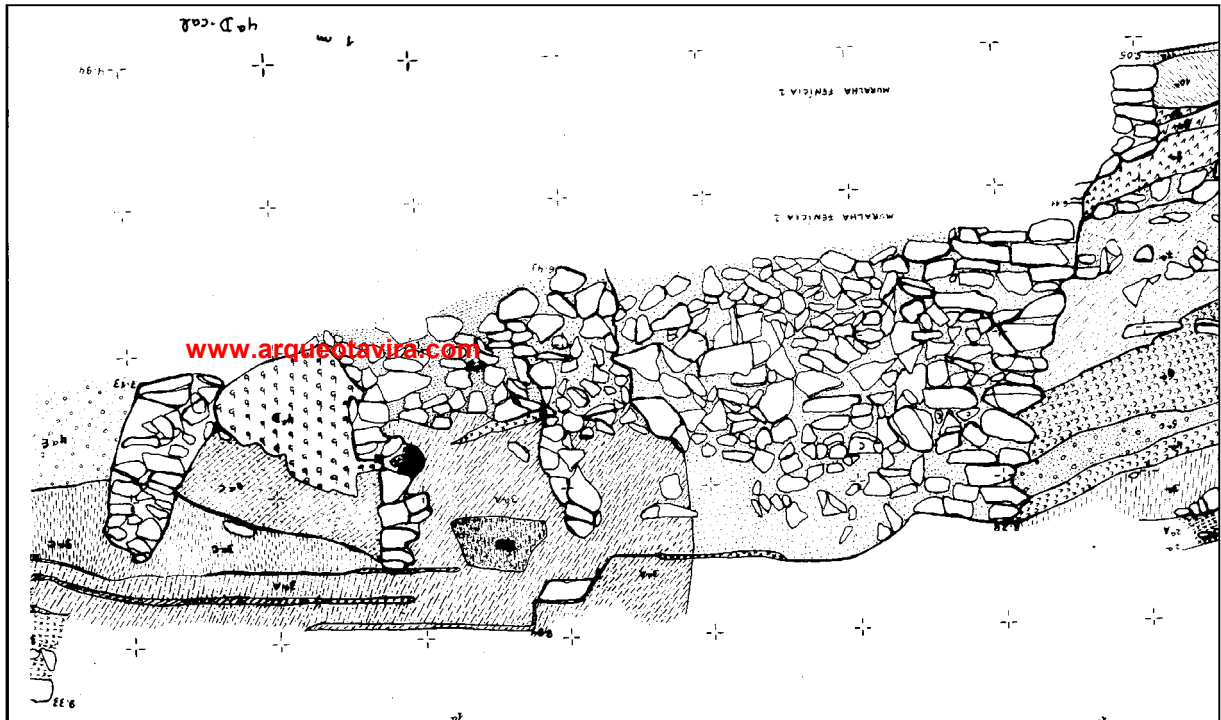


Figura 8

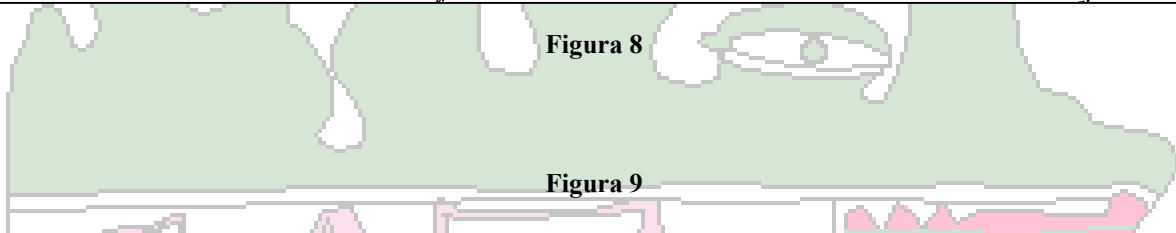
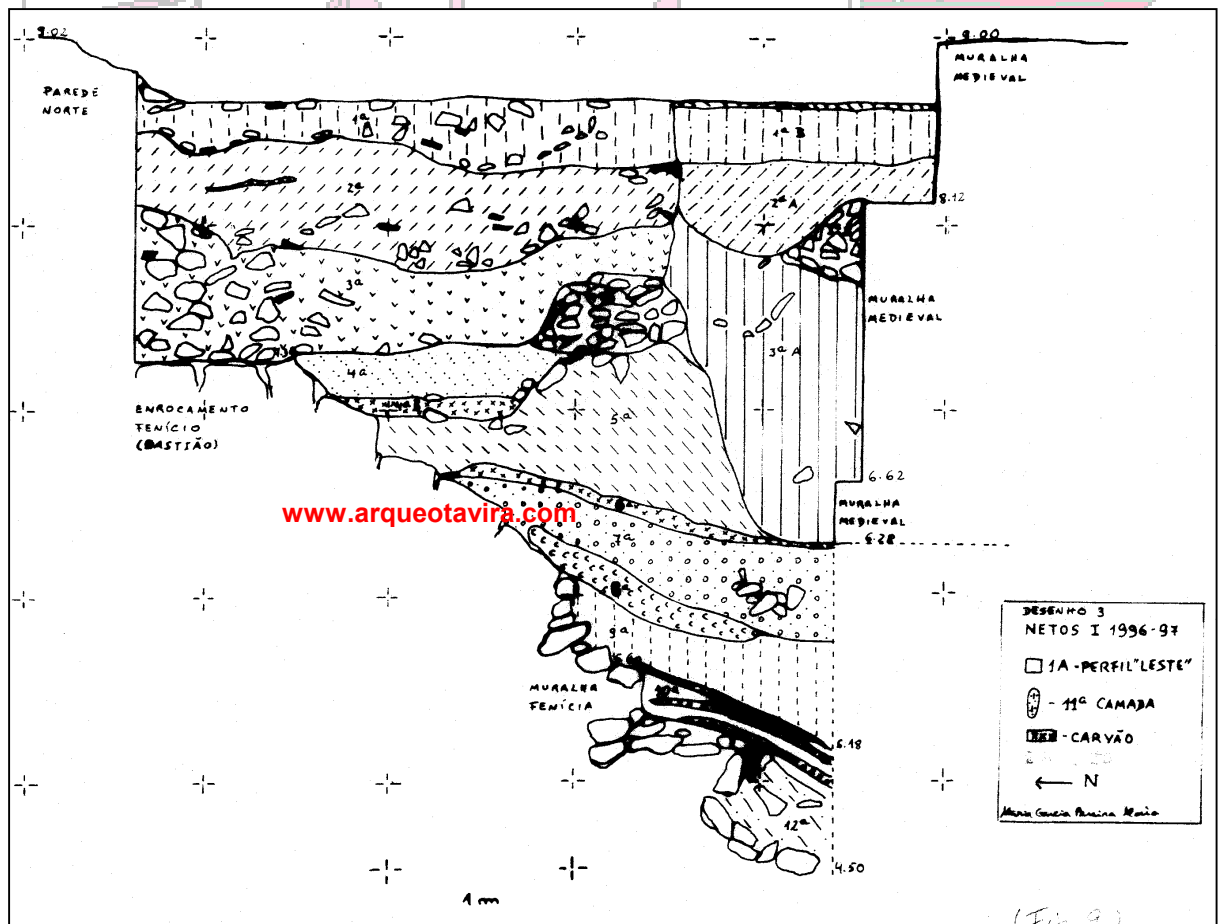


Figura 9



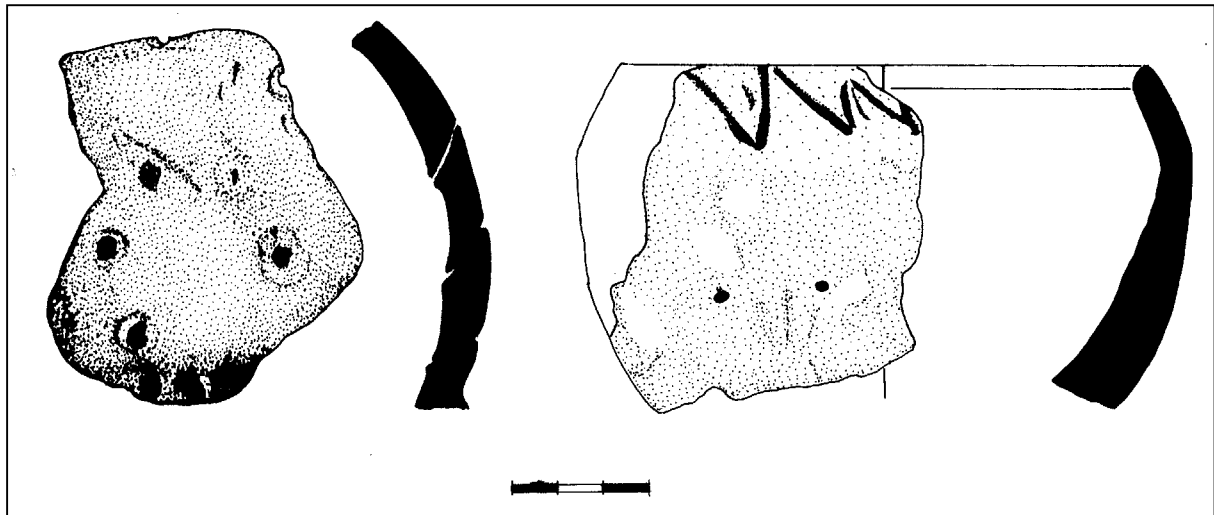


Figura 10

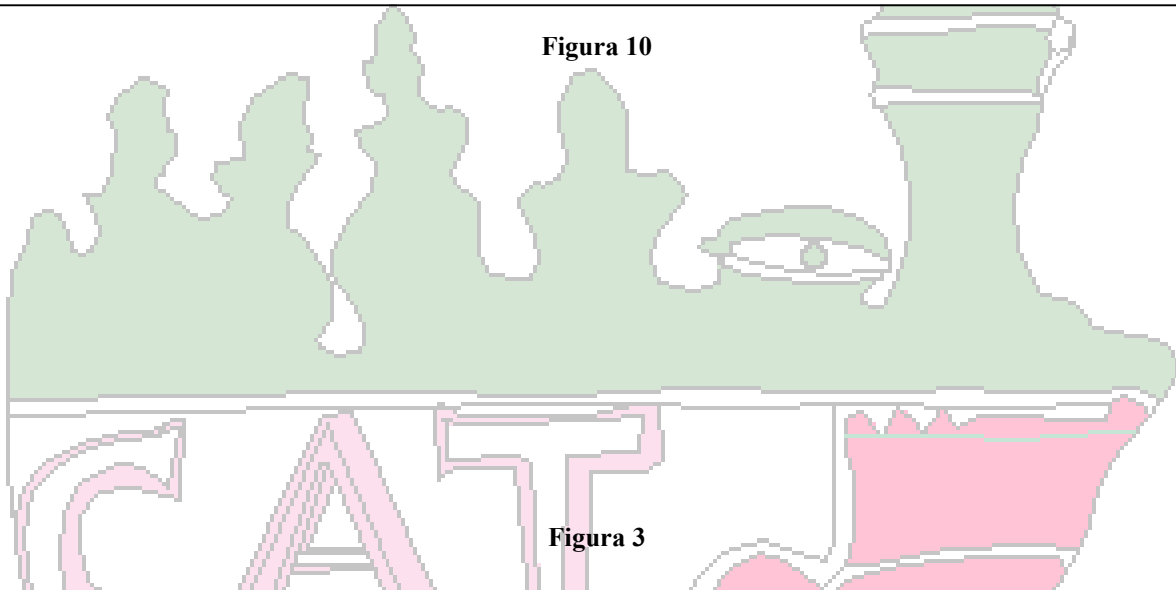


Figura 3



www.arqueotavira.com

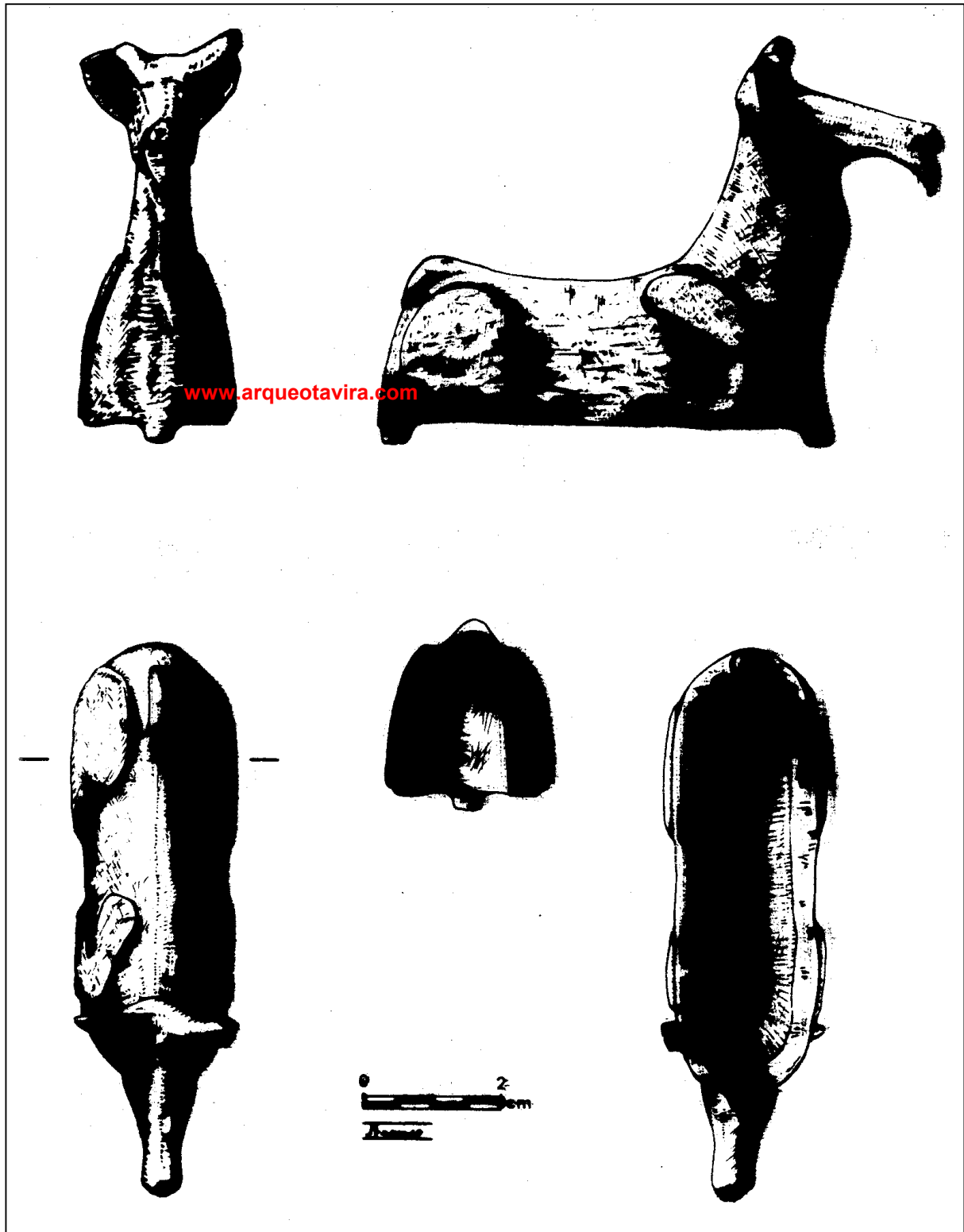


Figura 12

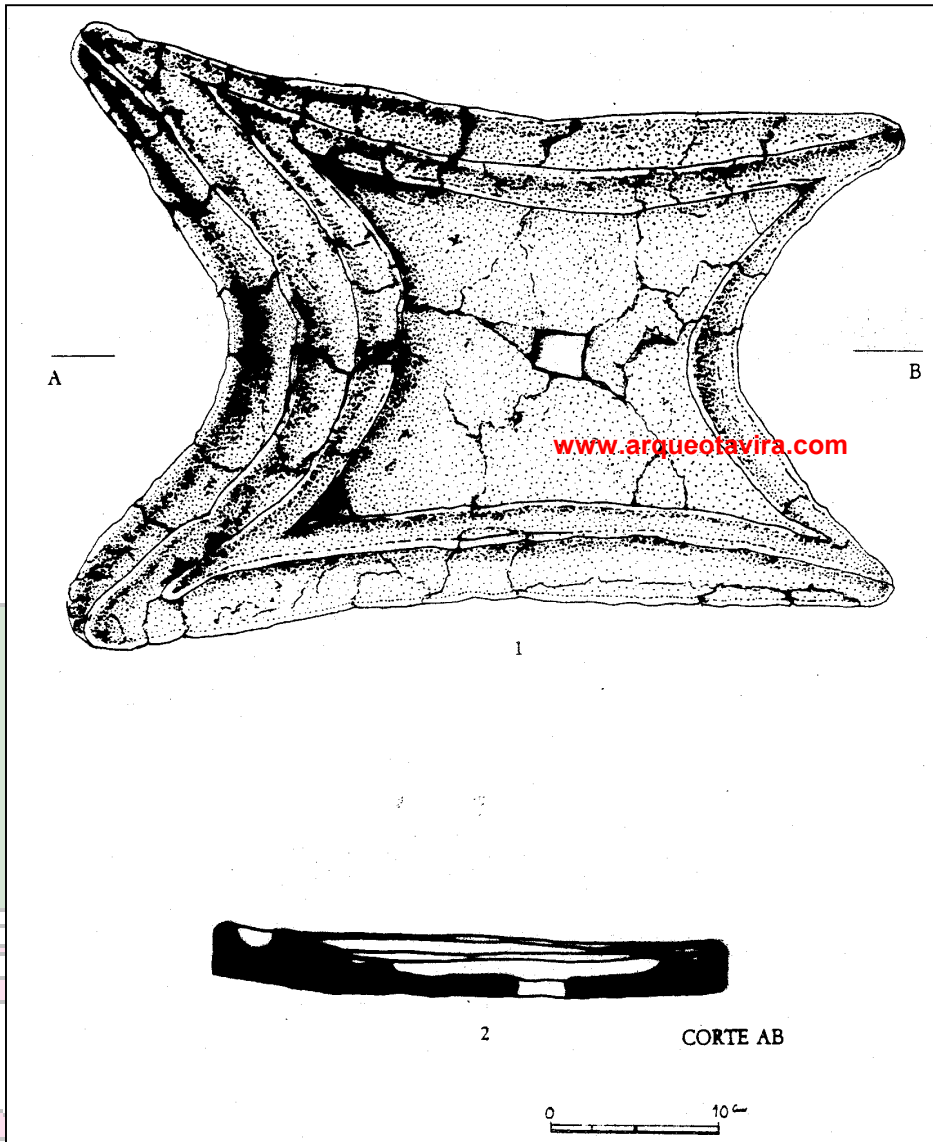
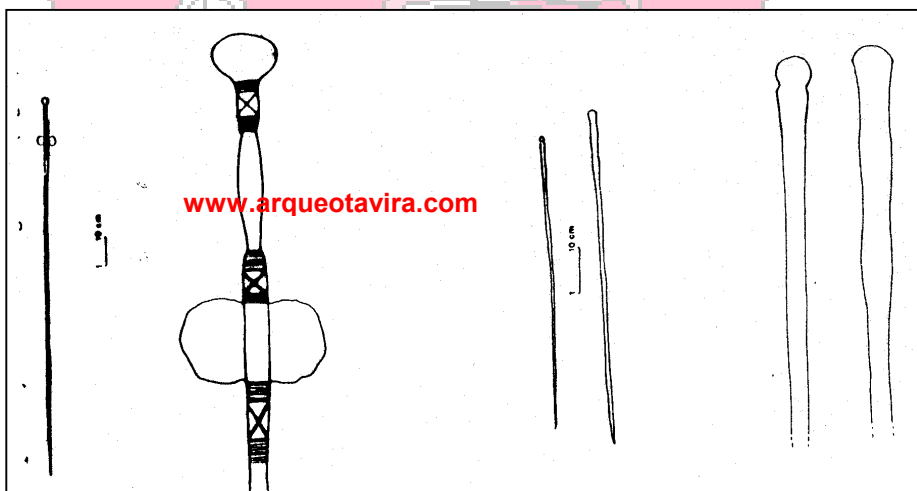


Figura 5

Figura 4



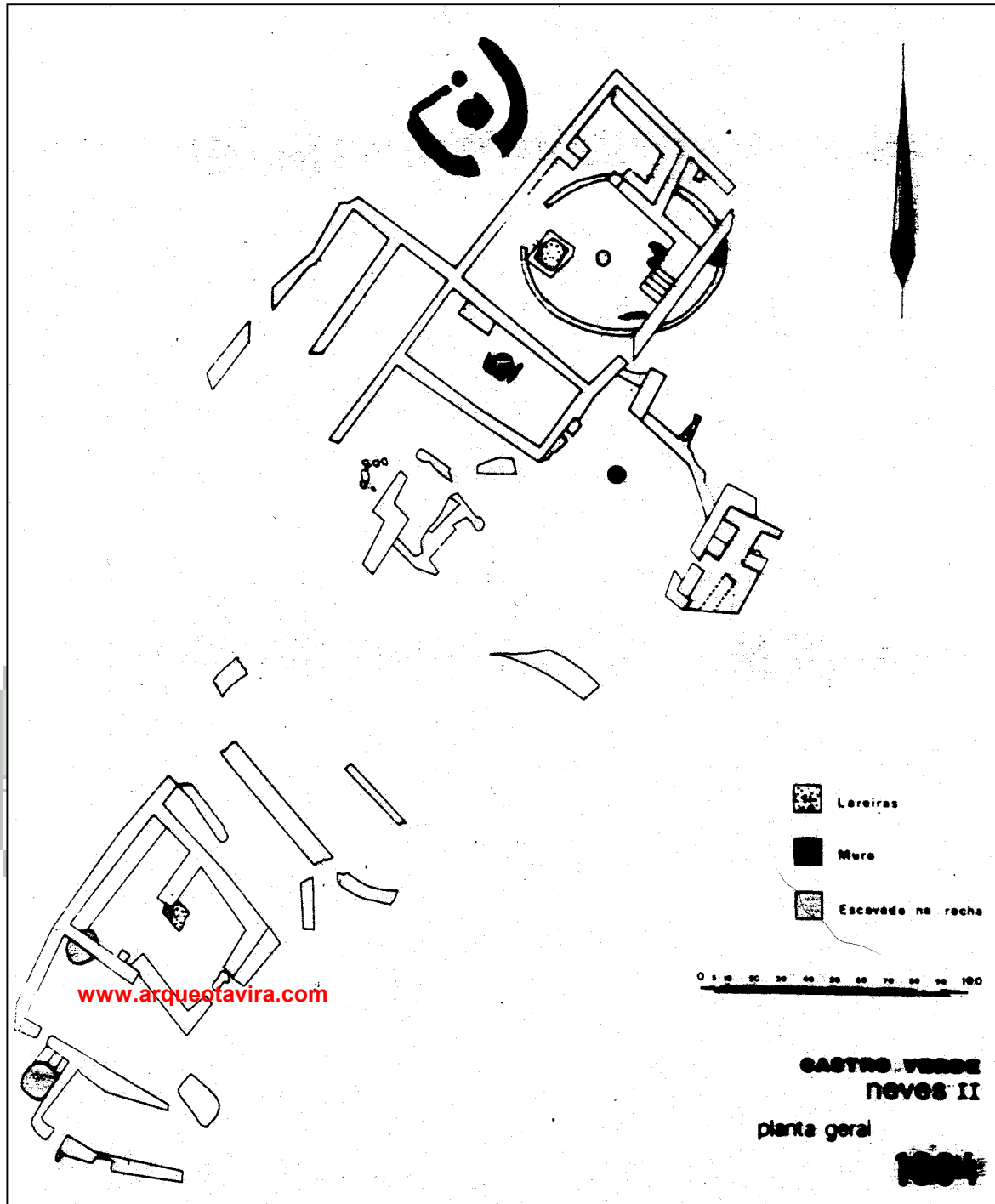


Figura 15

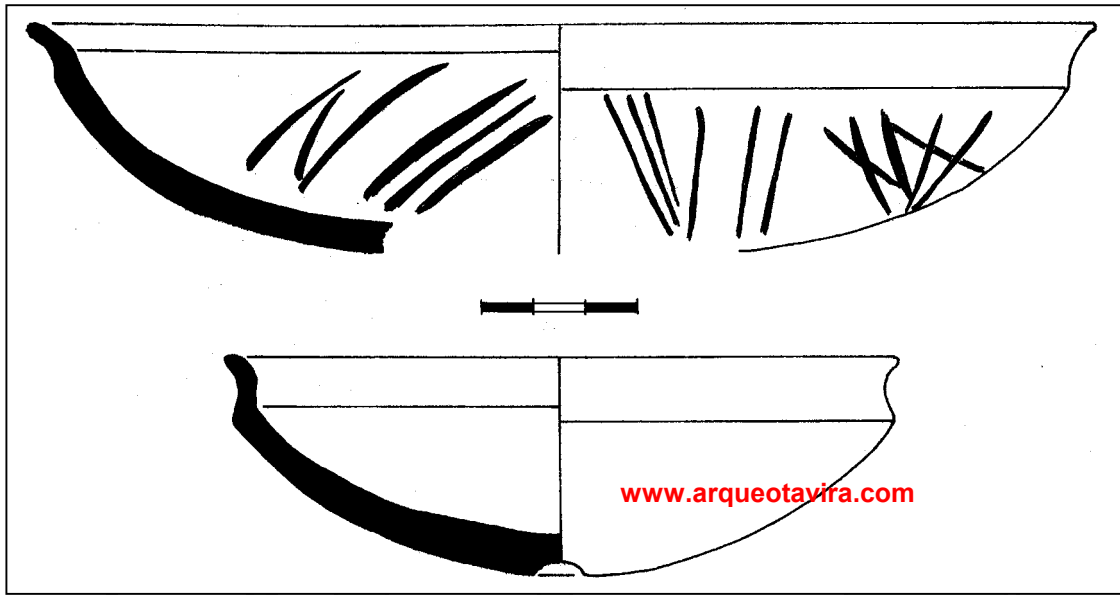


Figura 16

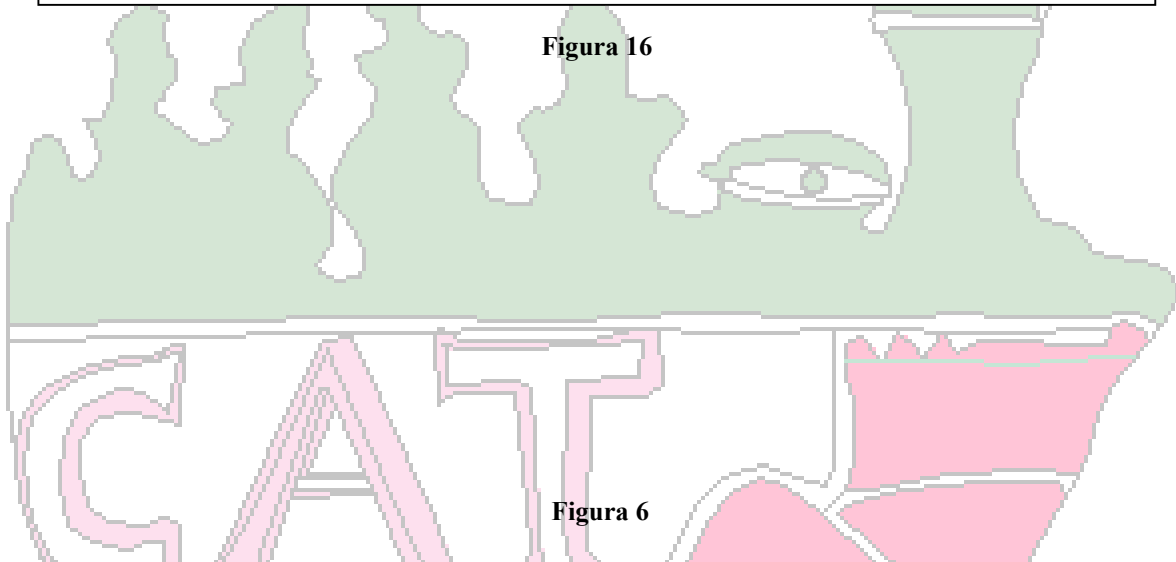


Figura 6

